

1 Introdução

O presente trabalho é resultado de um assombro. Ainda no início de uma gratificante graduação em história, o contato com a literatura grega nos primeiros semestres da universidade foram fundamentais para as escolhas que eu faria sobre os rumos da minha carreira acadêmica. Logo nas primeiras leituras e discussões a relação entre a história e a poesia surgiu aos meus estudos como uma questão de fundamental importância para aqueles que se aproximam das humanidades.

Para além da beleza e sofisticação dos poemas homéricos, a riqueza dos textos filosóficos e os primeiros escritos de Heródoto e Tucídides, foram as obras trágicas que me captaram para a atmosfera da cultura grega. A complexa relação entre homens e deuses nas tragédias de Ésquilo, o aspecto do humano apresentado por Sófocles em seu Édipo Rei, questões que começaram a instigar minhas pesquisas. Um rei, cuja ação trágica assemelha-o aos espectadores que estão igualmente submetidos à mesma força cósmica. Permitindo que o incesto e o assassinato cometido por Édipo, não se confunda com um crime, mas com uma “falha”, uma ação que o personagem não se torne responsável, mas tampouco inocente, perante o ato fatídico. Inserido num cosmo que não revela suas leis aos mortais, Édipo é um homem que efetua a ação trágica que despertará nos espectadores o horror pelo crime contra o pai e a união com a mãe, mas também a piedade por sua ignorância quanto à causa da impureza que assombra Tebas. Assistir Édipo cegar-se no fim da trama, permite a purgação de tais emoções nos cidadãos da Hélade.

A fragilidade da condição humana e suas ações no mundo, os desdobramentos de suas escolhas e o impacto que essas atitudes geram na comunidade humana. Como a história poderia se entrelaçar com a riqueza que a poesia trágica nos oferece? Como pensar a poética história dos homens no tempo?

A análise da formação da democracia ateniense a partir dos temas sugeridos pelas tragédias gregas orientou meus primeiros escritos. Dentre os autores trágicos, as obras de Eurípides me despertaram particular interesse. Eurípides conviveu com as dores que a Guerra do Peloponeso causou à pólis de Atenas. No seu teatro, os fundamentos democráticos são questionados a partir de uma experiência política característica de sua geração. Uma nova maneira de

considerar a convivência com outros povos, os ditos “bárbaros”, os estrangeiros, as mulheres. Uma concepção gerada a partir de um sincretismo cultural e intelectual típico de seu tempo. A interpretação de Eurípides dos conceitos filosóficos, assim como as inovações do pensamento dos sofistas, cria uma tessitura trágica estranha aos espectadores do seu teatro. Diálogos banhados pelo vocabulário filosófico e conclusões inesperadas apresentam heróis que se revelam espectros de suas próprias tensões: pesadelos que perseguem os espectadores de Eurípides.

Meu primeiro trabalho realizado a partir da leitura de uma tragédia euripídiana foi minha monografia de conclusão da graduação em história, intitulada “Hércules Furioso: epilepsia e tragédia na Grécia Antiga”. Nesse trabalho realizei uma reflexão acerca do surgimento de um novo saber na polis de Atenas, a partir das considerações sobre a *Morbus Sacer*, a epilepsia, então considerada uma doença sagrada. Através do diálogo entre o tratado hipocrático *Morbus Sacer* (410 a.C) e a tragédia de Eurípides, *Héacles* (415 a.C) verifiquei como esses testemunhos construíram determinado conjunto de representação e conhecimento sobre a epilepsia. O desdobramento das considerações desses autores revelaram certa concepção do homem como ser político. E assim demonstrou-se como a medicina e o teatro compartilharam elementos para a elaboração do sonho da pólis, a vida compartilhada entre pares.

Nos versos de Eurípides a loucura do herói Héacles provoca a radical mudança em seu espírito é precisamente descrita por Lýssa ao anunciar os terrores que domina o herói da Hélade:

“Eis aí! Vê como sacode a cabeça desde a largada e, enviesadas, gira em silêncio gorgôneas pupilas; não controla a respiração, como touro prestes a investir, mas terrivelmente muge. Invoco as Queres do Tártaro para pronto rosnarem e seguirem como cães ao caçador. Eu logo te farei dançar mais e apavorarei ao som da flauta.”¹

Alguns momentos depois quando o mensageiro de Anfitrão revela ao coro o que aconteceu no interior do palácio, mais uma vez, a repentina transformação do herói é descrita com sinais externos da crise de epilepsia:

¹ EURÍPIDES. *Héacles*. v. 842-861. (grifo meu)

“Vítimas estavam diante do altar de Zeus para catarse da casa, posto que Hércules matou e expeliu do palácio o rei desta terra. Estava disposto o formoso coro dos filhos como o pai de Hércules e Mégara. O cesto já havia girado em torno do altar e mantínhamos sacro silêncio. Mas quando ia com a destra levar o tição para mergulhá-lo, em água lustral, o filho de Alcmena deteve-se em silêncio. E o hesitante pai os filhos fitaram. Ele já não era o mesmo, mas alterado no esgazear dos olhos e com sangüinosas raízes protraídas vertia espuma da espessa barba”.²

O sentimento de horror proporcionado pelos versos de Eurípides é recorrente nas obras do autor. Desde muito tempo a leitura da tragédia de Medeia me instiga a elaborar um estudo sobre essa inquietante obra de Eurípides. A personagem Medeia famosa por suas artimanhas mágicas na mitologia grega, ganha um aspecto assombroso nos versos de Eurípides. Responsável por uma das cenas mais cruéis do teatro antigo, Medeia é artifice de um dos crimes mais repugnantes para a sociedade helênica: o filicídio. Rejeitada pelo herói Jasão, Medeia encontra no assassinato dos próprios filhos a retaliação pela ação sofrida pelo marido.

Encenada pela primeira vez em Atenas no ano de 531 a.C, Medeia é uma das tragédias gregas mais famosas da literatura ocidental. Várias vezes adaptada e discutida, incontáveis são os estudos criados sobre essa heroína euripidiana ao longo dos séculos. Desde a leitura de Sêneca na cultura latina, passando pelo teatro francês de Corneille, Medeia é geralmente vista como a personagem que oscila entre a paixão e a cruel racionalidade que alcança a loucura. Dentre as obras criadas a partir da tragédia de Eurípides estão: o longa de Pasolini (1969), a adaptação de Chico Buarque “A Gota D’água” (1975), e por fim o filme de Lars Von Trier, “Medea” para a TV dinamarquesa (1988).

Diante de tantas obras e estudos sobre essa mesma tragédia de Eurípides convém questionar o motivo pelo qual me presto a elaborar mais uma dissertação sobre Medeia. O primeiro de muitos ensejos é a inquietação motivada por muitas das discussões acerca dessa obra. Discussões essas que giram em torno de questões absolutamente pertinentes, tais como a abordagem da condição feminina pela perspectiva de Eurípides. Não raro nos deparamos com a citação do célebre

² EURÍPIDES. Hércules. v. 921-934. (grifo meu).

discurso de Medeia sobre a função da mulher na sociedade grega:

“Dizem que vivemos sem perigo a vida doméstica, mas eles guerreiam com lança, não compreendem que eu preferia lutar com escudo três vezes a parir uma só vez... A mulher, aliás, plena de pavor é covarde para resistir e ao ver o aço, mas quando na cama calha ser lesada, não há outro espírito, mas sujo de sangue”.³

Nesses versos a condição da mulher grega é exposta no instante em que Medeia busca os fundamentos para o desenvolvimento da sua ação. O cenário de sua trama começa a ser esboçado e os espectadores aguardam um desencadeamento terrível por parte da heroína. Valores éticos e míticos são estruturados no discurso de Medeia e Eurípides apresenta ao seu público uma heroína carregada de paixão, imbuída de uma capacidade lógica a serviço de sentimentos estritamente humanos. A potencialidade do mal em Medeia se delinea nas margens de sentimentos familiares aos espectadores.

“... mais que o feminino propriamente, o que parece aflorar na fala de Medeia é o esboço da personalidade, da pessoa, que nos séculos seguintes virá mais claramente à tona nos textos filosóficos de cunho ético. As palavras de Medeia até esse momento do drama nada demonstram, no que respeita às suas intenções, sobre sua hýbris, a não ser essa desmedida consigo mesma... Além de marcar uma reflexão sobre o feminino em sua especificidade, Medeia vai-se desenvolvendo em sua personalidade, isto é, vai expressando algo de si própria, de uma possível interioridade que procura ler a si mesma, como será explicitado nos versos que virão”⁴

A importância em ressaltar esses detalhes para uma compreensão mais sofisticada da obra de Eurípides consiste na precaução de equívocos conceituais muito frequentes nas interpretações de suas peças. Um exemplo muito comum está na atribuição de valores modernos aos versos, como os valores da luta feminista ou qualquer aspecto da questão social comum aos séculos das lutas de classes. A obra de Eurípides demonstra que o cosmos já não era apreendido por esse da mesma forma que os trágicos anteriores, e as questões por ele elaboradas eram diferentes daquelas que surgiam à frente de Sófocles ou Ésquilo. Porém, estava longe de Eurípides compartilhar ou antecipar uma visão “revolucionária”

³ EURÍPIDES. Medeia. v.365-380.

⁴ Raquel GAZOLLA. Para não ler ingenuamente uma tragédia grega. p. 121.

dos homens do século XVIII. O significado do conceito de “Revolução” moderna está carregado da possibilidade de ruptura com o passado, e o início de uma era inédita, onde a ordem que rege as relações humanas pudesse ser construída de forma completamente nova.⁵ Um exemplo desse tipo de equívoco relacionado à obra de Eurípides pode ser lido na seguinte passagem de John Gassner:

“Entretanto o imperialismo de Atenas, seguindo o impulso de toda a política imperialista, tornou-se um implacável instrumento para a subjugação dos Estados irmãos, alguns dos quais tão indefesos e comparativamente neutros quanto a Bélgica em 1914... Demagogos militaristas arrastavam as massas para um furor teutonicus, e os tacanhos rústicos dos campos, buscando abrigos dos exércitos invasores dentro dos muros da cidade, excitavam ainda mais a ignorante maioria que não tinha paciência para com a “Ilustração” e até a culpava pelas catástrofes sofridas na frente de batalha. Péricles, o estadista liberal, viu sua influência desaparecer, foi obrigado a permitir o exílio de Anaxágoras e Fídias e chegou mesmo a sofrer um impeachment... Infelizmente o quadro é muito familiar aos homens do século XIX. E quando o tratado de Protágoras foi entregue às chamas, nem mesmo a queima de livros permaneceu estranha à experiência de Eurípides.”⁶.

Nesse trecho pelo qual, o crítico literário e dramaturgo americano, John Gassner analisa as relações possíveis entre a formação de um “liberal” num contexto já diferenciado em comparação aos outros autores trágicos, buscando a fundamentação necessária para explicar os traços específicos da tragédia eurípidiana, é notável a equivocada atribuição de conceitos estranhos ao universo mental possível de Eurípides: o imperialismo dos estados nacionais típico do século XIX, a argumentação que atribui papel às “massas populares”, imaginado apenas aos homens que viveram após a revolução francesa, a existência de “homens ilustrados” na pólis, e o subsequente “impeachment de Péricles”, são algumas constatações, do anacronismo impróprio associado ao universo vivido pelos homens da polis. Como prossegue Gassner:

“Jasão, o herói dos Argonautas, havendo esposado a princesa bárbara que salvara sua vida às custas do pai e do irmão, começa a ficar cansado da mulher. Tornou-se um típico marido de meia-idade para quem o romantismo já está esgotado, e agora que segundo sua opinião, o amor não mais é tudo na vida, volta os olhos para um casamento politicamente conveniente com uma princesa de Corinto que a assegurará sua sucessão ao trono... extraordinário estudo do

⁵ Hannah ARENDT. Sobre a Revolução. p,89.

⁶ John GASSNER. Eurípides: o moderno. p.66-67.

conflito entre os sexos, penetrante análise dos interesses relativos do homem e da mulher e poderosa tragédia do ciúme frenético, Medeia é um marco do drama realista... distingue-se também por sua defesa dos direitos da mulher. Tal feminismo era uma ousada ruptura com a atitude convencional quanto ao casamento entre um ateniense e uma estrangeira.”⁷.

A nossa contemporaneidade se aproxima de Eurípides no momento em que nos deparamos com uma Medeia que faz sangrar as nossas próprias feridas. E o risco de nos confundirmos com seus temores é o esquecimento de nossas distâncias, da nossa própria história. No embate entre o poeta do século V a.C. e os espectadores da nossa era os versos da feiticeira nos atrai para sua armadilha, enquanto o tempo cava o abismo entre nossa sociedade e a pólis de Eurípides.

No primeiro capítulo será apresentada uma abordagem sobre a origem da tragédia grega. A partir da compreensão da constituição do sentimento político que propicia a formação da pólis ateniense é possível elaborar a intrínseca relação entre o teatro trágico e comunidade política de Atenas do século V a.C. Dioniso, o deus do furor emprega ao trágico o aspecto do êxtase. A partir da dança do deus a poesia se esmiúça no discurso de cada cidadão, e as máscaras compõem a vida na cidade. Os semblantes se aproximam na convivência entre os pares e a *phília* estabelece o vínculo primeiro da comunidade livre. No teatro da pólis, os cidadãos reconhecem a encenação de outra possibilidade de existência. No palco, a ação trágica expõe o reflexo dos pesadelos de cada espectador, e a dor do herói ata o laço entre os cidadãos ao longo do tempo da catarse.

No segundo capítulo, a análise das características essenciais para a compreensão do teatro euripídiano revelam o poeta que elaborou enigmas para toda uma tradição de críticos e admiradores. Eurípides é artífice de homens assombrados, personagens míticas enleadas pela ruptura do pacto rompido, a confiança perdida, alianças divinas ou humanas que se esvaziam do valor sagrado. O poder que a palavra carrega nas tragédias de Eurípides demonstram a precibibilidade das relações humanas e a delicadeza que permeia seus alicerces. Assim como o tempo é um elemento determinante para reviravolta da vida humana, e também, é o agente que preserva suas relíquias. O homem que se destitui dos dons que o tempo lhe preserva, também se desfaz da sua própria

⁷ John GASSNER. Eurípides: o moderno. p.72-73.

humanidade. Nos versos de Eurípides a sofisticada dilacera o juízo do coro como os cães destroçaram o corpo do poeta.

Por fim, no terceiro capítulo será proposta uma interpretação da tragédia de Eurípides, *Medeia*, que busca a conciliação entre a personagem mítica conhecida pela comunidade da pólis e a heroína trágica que inspirou tantos poetas posteriores à antiguidade clássica. O universo da mulher ateniense e o conjunto de valores agregados a condição feminina que compõe a sociedade grega. O *mýthos* e o *lógos* que constituem a carne de *Medeia* e lhe conferem uma palavra feroz. E assim consideramos a possibilidade de compartilhar nossa contemporaneidade com os espectadores de Atenas do século V a.C.

Há alguns anos, minha primeira leitura de *Medeia* me causou a impressão de arrebatamento que nenhuma outra tragédia tinha causado. Na tentativa de encontrar uma maneira para lidar com essa inquietação me enveredei por caminhos sinuosos. Debrucei-me sobre estudos filosóficos, me envolvi em ardorosos exercícios conceituais, busquei detalhes nas mais rebuscadas formulações historiográficas. Deleitei-me com a filosofia, reconheci as limitações da história, e por fim, ou a princípio, me reencontrei na poesia. Caminhei durante anos encoberta pela obra de Eurípides e me deparei, sozinha, nos braços de *Medeia*. A reflexão que persegue esse trabalho é fruto do meu assombro ao sorriso de *Medeia*.